

A família em questão: Discutindo continuidades e diferenças entre gerações masculinas.

Christina Gladys de Mingareli Nogueira¹

UFPE/ PE/ Brasil

INTRODUÇÃO: Família, Gênero e Masculinidade

Este ensaio busca discutir a partir da temática família aspectos de continuidades e diferenças nas concepções e vivências das masculinidades de homens de diferentes gerações em bairros de classe popular na cidade de João Pessoa- PB.

A família contemporaneamente continua sendo caracterizada como uma instituição fundamental no processo de socialização dos sujeitos, e uma das bases da organização social. É nesse sentido que a temática da família ganha interesse para as Ciências Sociais, uma vez que os indivíduos atuam na sociedade enquanto membros de grupos familiares, desempenhando funções e papéis específicos dependendo de sua posição na família.

Assim, questões como a desigualdade social, gênero, relações geracionais, têm efeitos na família e podem ser estudadas a partir desses efeitos e das relações que acontecem no grupo familiar.

É na busca de se pensar a família de forma ampla, com abertura a modelos alternativos de viver, mostrando a diversidade de organizações familiares, de acordo com a tradição nacional, histórica regional e de classe, entre outros aspectos (GUSLLEST e SEGALEN *apud* FONSECA, 2000), e que este trabalho se insere.

¹ Cientista Social / UFPB, mestranda em antropologia pela Universidade Federal de Pernambuco.

A organização familiar desta forma segue modelos pautados pelo coletivo e não é, como ideologicamente às vezes se defende, reflexo das “leis da natureza”. A percepção da família como instituição não significa que ela esteja organizada de forma simétrica e harmônica. Muito pelo contrário, a maioria dos grupos familiares organiza hierarquicamente seus membros a partir dos princípios de geração e gênero. Deste modo, a família é uma instituição moral de hierarquia e poder, que decorre dos laços de parentesco, podendo ser estes de afinidade ou “de sangue”, sempre que socialmente significados. A família é tanto um grupo concreto como uma representação social da realidade simbólica, que se expressa produzindo e reproduzindo valores que transcendem o grupo (VELHO, 1987; ALMEIDA, 1987).

Torna-se relevante acrescentar que tanto em outros períodos históricos como na atualidade, parece existir a tentativa de imposição de um modelo elitista de família no Brasil, anulando tantas outras formas de organização familiar, seja entre as famílias africanas escravas ou as indígenas, como atualmente, entre as famílias populares em que às dificuldades econômicas, políticas somam-se as ideológicas de não respeito às diferenças étnico-culturais.

Já em relação a temática da “masculinidade”, discutida neste trabalho define-se em uma categoria ampla, uma organização prática em torno da posição dos homens nas relações de gênero. Os estudos nos mostram a existência de várias configurações em torno dessa posição, tornando-se então mais adequado falar em masculinidades no plural, de forma relacional e dinâmica. Em que, mesmo existindo uma forma hegemônica de masculinidade “branca, heterossexual, dominante, forte, provedora”, outras formas de masculinidades estão atreladas a ela (NASCIMENTO, 1999). Diversas masculinidades são construídas e reconstruídas mudando na história, coletiva e individualmente em um processo dialético e não mecânico, em constante relação com o contexto social, e com a forma de poder, de dominação, marginalização e cumplicidade.

A família é um dos espaços onde a masculinidade é posta em cena. É nela que o homem precisa afirmar-se como provedor, pai e homem viril, de acordo com um modelo hegemônico que, segundo Connell (1995), é aceito por homens de todos os grupos sociais. Porém, diante de situações de pobreza e desemprego, atualizar esse modelo pode ser uma tarefa difícil.

O modelo ideal de família a ser seguido é a nuclear, composta pela mãe: sentido da emoção e passividade do lar, detentora dos saberes da casa e responsável pela educação e saúde dos filhos; pelos filhos: sendo estes o sentido maior da vida dos pais; e por fim, pelo homem: “chefe” da família, detentor da razão e do conhecimento, é ele o caráter da atividade, o que traz à família a proteção, o respeito e a moral. O que caracteriza este modelo são posições sempre hierarquizadas, com deveres e direitos diferenciados e em muitos casos desiguais.

Dentro deste tradicional modelo de divisão de gêneros, cabe ao homem a responsabilidade pelo sustento da família. A ele é conferido também o poder baseado na autoridade masculina, embutida de direitos e deveres. O homem é, igualmente, o mediador da família com o mundo externo, bem como o responsável pela respeitabilidade familiar, à medida que confere respeito. Estudos mostram a força simbólica que ainda existe destes padrões, que, ao reafirmar o papel central do homem como mediação com o mundo externo, fragilizam socialmente as famílias em que não há este homem, “provedor” [grifo da autora], de teto, alimento e respeito (SARTI, 2003²).

Quando este provimento não se realiza, entretanto, estes homens buscam manter sua auto-imagem diante da frustração do não provimento, ressaltando assim suas qualidades morais, que sustentam “um homem que é homem”, como forma de minimizar o peso do fracasso que recai sobre ele. E assim a honra torna-se importante “como elemento simbólico chave que regula o comportamento e define a identidade dos membros de um grupo” (FONSECA, 2000), permitindo dar ênfases aos aspectos não materiais da organização social. Dessa forma a honra torna-se capaz de uma

²Os trabalhos de Neves (2003), Fonseca (2000.) Duarte (1986) e Zaluar (1985) entre outros, trazem também a importância deste homem provedor.

reelaboração simbólica que tende a maximizar o amor próprio, utilizando-se de um “filtro imaginário que permite ver e narrar sua vida de acordo com uma imagem de si socialmente aceitável” (FONSECA, 2000:21), apresentando, assim, proximidades com características tidas como masculinas.

Alguns estudos têm mostrado uma diminuição do poder e papel deste homem na família diante do não provimento, frente à dificuldade de realização do padrão conjugal, resultando assim em “uma diminuição da importância da figura masculina em favor da expansão do papel feminino” (ZALUAR, 1985). A figura do pai aparece assim como transitória, distante e substituível. Estudos outros (como, por exemplo, LONGHI, 2001), assim como minhas próprias observações, apontam para uma relativização do suposto papel “menor” deste homem não provedor em contextos semelhantes, é a partir desta situação que busquei discutir a relação destes homens na família.

A pesquisa empírica que serve de base para esta discussão, foi realizada na ocasião do meu trabalho de campo para a realização de minha monografia de graduação, assim como de observações que continuo fazendo nestes espaços, agora enquanto estudante de mestrado.

As famílias investigadas tinham por característica, de um lado, o fato de serem compostas por mãe, pai e filhos jovens e, por outro lado, o fato dos pais estarem desempregados e não contribuírem financeiramente com o sustento de suas famílias.

A partir desta situação, discuto aqui também a situação vivida por tais famílias levando em consideração a perspectiva de que os homens aí, mesmo desprovidos de seu papel tradicional de provedores (CARNEIRO, 1999; GOLDENBERG, 1991) continuam exercendo um importante papel na organização doméstica, principalmente na relação com seus filhos. Busquei então observar como é vivida a masculinidade por estes homens, nos espaços da casa e da rua (DA MATTA, 1985; FONSECA, 2002; SARTI, 1996). Igualmente, procurei observar como se processa o reordenamento dos papéis no grupo familiar e a relação destes homens com seus filhos jovens, uma vez que esses homens não conseguem corresponder à expectativa que é posta sobre eles para prover financeiramente a família, as diferentes ou continuidades de vivências das masculinidades entre esses homens e seu filhos jovens.

Desta forma este trabalho dialoga também com algumas referências teóricas usadas para compreender o lugar do homem na família pobre, especialmente em situações em que ele está desprovido de seu papel de provedor econômico, como também os significados que têm a família para ambas as gerações, se de fato ou até que ponto homens não provedores continuam exercendo ou, pelo contrário, perdem sua posição de autoridade no grupo familiar, como os filhos percebem esta situação vivida pelo pai, por fim a vivência da relação pais-filhos nestas famílias.

Com essa problemática em mente, realizei minha pesquisa em dois bairros populares de João Pessoa/ Pb, Padre Hildom Bandeira e São Rafael, situados na zona sudeste da cidade, nas proximidades da Universidade Federal da Paraíba.

A pesquisa de campo me levou primeiramente até os homens adultos, em bares e pelas ruas, em rodas de conversas. Estes homens, pelo que observei, são em sua maioria vindos do interior, principalmente de regiões de seca. Suas rotinas centram-se muito no local, com poucas saídas e em geral procuram empregos através de indicações dos seus. Pela manhã, os que não levam os filhos para a escola ficam em casa até por volta das dez horas, momento em que começam a se reunir nos bares, em busca de bebidas, jogos e conversas. Por volta do meio dia, retornam a suas casas para o almoço. Naqueles casos em que a mulher trabalha fora e os filhos são pequenos, os homens se incumbem de organizar e servir a comida deixada pronta pela esposa. Descansam e logo retornam ao bar até o início da noite quando se recolhem para dormir. Durante a tarde é comum vê-los acompanhados nos bares de seus filhos pequenos, que brincam enquanto eles conversam ou, como eles dizem, “tomam uma”.

Alguns desses homens tiveram uma participação mais efetiva na pesquisa: foram entrevistados por mim e conheci suas famílias. Como já foi dito, os únicos critérios para escolha dos informantes foram o fato de estarem desempregados e morarem com suas famílias. Mesmo que alguns dos entrevistados executem esporadicamente alguma atividade, o pouco dinheiro que daí provém, em geral, é destinado a gastos pessoais como transporte, cigarros, bebidas, e não a colaborar no sustento da família. Todos eles

moravam tinham filhos (às vezes enteados) ainda em casa, e eram sustentados pelas mulheres e parentes³. Suas idades variam entre 26 e 67 anos.

Num segundo momento foi os jovens com quem constatei, as idades variaram entre 15 e 22 anos sendo todos solteiros. Quando não estavam trabalhando ou estudando, era comum vê-los em rodas de amigos conversando. Era comum encontrá-los nos arredores dos bares, em uma quadra da prefeitura que fica ao lado do bairro, ou no tão querido por eles “Vôlei do Paú”, uma área utilizada para recreação de práticas esportivas – do Voleibol precisamente. Os nomes aqui apresentados são fictícios, de modo a preservar o anonimato dos informantes.

A Importância da família: “Eu tenho com quem contar”

“A família pra mim é a base da nossa sociedade, é a base de tudo. Se a família por alguma coisa dar errado, vai desmoronar muita coisa, vai depender de como aquela família vive, se só fica brigando, aí pode terminar em tragédia, se a família ir sempre a igreja, não importa a religião, pensa sempre em Jesus em Deus, porque pode ter tudo, mais se não tiver esta base pode complicar a família. A Fé em Deus é fundamental na família” (Luis 51 anos).

“ A família é a coisa mais importante para pessoa, porque um jovem com eu , que não tiver família desanda mundo, vai no dismantelo, a pessoa estar sozinha no mundo, deve ser ruim de mais, não ter com quem conversar, aprender as coisas né, que assim os mais velhos ensinam” (Pedro 21anos)

A família aparece, na fala de muitos homens sejam eles jovens ou adultos, como um elemento estruturante de suas vidas. Assim se expressa Joaquim, de 59 anos: “a minha família é tudo pra mim, sem ela eu não sou nada não, e como o povo diz é o chão da gente, sem ela a pessoa num vive não”. É através da família que é permitido pensar o passado, traçar a trajetória da formação, desde a infância, dos valores “do homem de bem”. Nesse sentido, a família emergiu como uma importante categoria nativa constantemente trazida a tona pelos meus informantes ao referirem-se a si mesmos. Em muitas das conversas com os homens, o papel da família na formação de um “homem de

³A presença de parentes no sustento destas famílias em que os homens não trabalham, reforça a idéia de que as famílias da classe popular se caracterizam muito mais em redes do que em núcleos, redes estas ligadas a laços afetivos, emocionais e de ajudas mútuas, nestas podemos encontrar também a presença dos amigos.(Fonseca,2002; Sarti, 2003)

bem” fica claro. São várias as histórias contadas, enfatizando o afeto e principalmente a transmissão de valores de pais para filhos.

O que fica evidente em comentários como esse é o quanto a família continua a ser um espaço de referência ocupando assim local central em suas vidas, onde por excelência acontece a socialização, aprendizado e afeto

A importância da família se difunde em várias instâncias. Ela informa a moral do homem dentro de um modelo de masculinidade em que o “homem que é homem” tem que ter família, mulher e filhos. Não se concebe que um homem possa chegar até certa idade sem ter formado uma família. Tal situação levaria imediatamente ao levantamento de dúvidas quanto à sua sexualidade e a própria condição “humana” do outro – que passa a ser um “largado”, “jogado”.

Sendo assim o “ser” homem está envolvido em atributos que conferem ao homem sua posição no mundo a partir da família: ser pai, ter família, ser “casado”. Essa concepção relacional da pessoa contrasta frontalmente com o ideário individualista ocidental moderno, que confere valor às pessoas a partir da autonomia e auto-suficiência. Se alguns autores consideram que o código relacional é, no Brasil, mais importante do que o código individualista, isso parece especialmente verdadeiro no caso dos grupos populares (DUARTE, 1986).

Um outro elemento que, na fala dos homens entrevistados, ganha importância em relação à família é o da solidariedade, ter com quem contar, fato que, num quadro de precarização, de negações e necessidades materiais não supridas, é especialmente relevante. Ter uma família dá ao homem a sensação de não estar desamparado frente às dificuldades sentidas, como a falta de trabalho, por exemplo. Tais argumentos aparecem fortemente entre os entrevistados mais velhos, onde esta valorização foi unânime. Um exemplo é o de seu João, para quem “é a vida da gente né, é a vida... Um cara sem família não pode viver no mundo, fica jogado”. No mesmo sentido, Francisco (25 anos) acrescenta: “Um lar que a gente tem, uma família é bom pra pessoa não se sentindo sozinha, ajudando alguém, e também sendo ajudado, o principal da família pra mim é isto: o “caba” não fica sozinho”.

Assim, além de ser o espaço simbólico de pertença, assegurando aos sujeitos a sustentação moral e afetiva, como pude perceber em todas as falas apresentadas, a família torna-se de importância também nas estratégias de sobrevivência, permitindo partilhar de forma não solitária as privações com que se defrontam em seus cotidianos. Deste modo, a família é um elo necessário para a reprodução material de seus membros. Como diz Jorge:

Porque, moça, a família é boa também, de modo as dificuldade da vida, porque a gente aqui desse lugar, somos pobres como você pode ver [diz isso apontando para a estrutura e objetos da casa], aí um ajuda daqui, outro dali, e quando vê a pessoa vai vivendo. Luiz mesmo, acho que você conhece, pra ele, como outros aqui, é bem melhor, os filhos trabalhando, outros fazendo uma coisa aqui outra ali, aí tudo fica melhor. Ontem mesmo eu vi o filho dele trazendo um moi de coisa pra casa, vinha com as mão cheias, eu mesmo não vejo a hora dos meus crescerem, de modo a me ajudar né, aí o cabra que é sozinho, ou ele arranja ou morre de fome, não é verdade?

Essa família, então, é tão relevante em vários aspectos, ao ponto dos homens procurarem primeiro ter e depois manter sua unidade, responde a um modelo tido como “tradicional”, conforme já dito, onde a cada integrante caberiam obrigações, direitos e deveres específicos.

MODELOS DE MASCULINIDADES: encontro entre gerações.

A idéia mais difundida entre os homens com quem convivi é que “ser homem” corresponde a ter família, ser trabalhador e ser macho (heterossexual). Embora a realidade diária não corresponda ao ideal que alimentam, as divisões tradicionais de papéis parecem estar bem cristalizadas no modelo que os homens têm da família e de si próprios. Assim, o modelo de homem “chefe da casa” (Alvim, 1997), que também seria de provedor, apareceu nas falas de meus entrevistados como um ideal de vida que os orienta estipulando valores e comportamentos.

Pra mim, o homem tem que ser muita coisa, ser um homem de bem, ter coragem pra trabalhar, ter família e saber controlar a família, as filhas o que é às vezes meio difícil, porque o mundo está muito mudado, com a televisão, né. Saber cuidar das coisas da casa né, assim pra não ficar desmantelado, os telhados, um coisa ali né, [e a mulher?] essa tem assim que ter o respeito com o marido né, não ficar pelas ruas fazendo besteira, saber fazer o serviço da casa, cozinhar, pra mim é mais importante, por que homem num agüenta fica com fome (Josuel, 37 anos)

O dever de um homem é cuidar da família, pro povo num fazer assim maldade, porque numas casas que não tem um homem, ai não tem aquele respeito com as mulheres, os homens ficam tudo de olho. E assim o homem trabalhar, né, pra botar o comer na casa, é que ta meio difícil, mais isso é do homem eu acho (Marco 18 anos).

Em muitas conversas como pude perceber o trabalho e o provimento se reafirmaram como elementos estruturantes da identidade do homem que é pobre e tem uma família. Essa atribuição faz parte do *ethos* masculino, sobretudo nesses contextos, construído em torno da virilidade, que se traduz justamente pela força física e pelo status de trabalhador e provedor da família. As tarefas braçais que exigem força física estão sempre destinadas a eles, ou transferidas aos filhos mais velhos, como o conserto da casa, carregar as compras pesadas, entre outros. Assim, tanto o homem busca ser o provedor como a mulher também espera que ele o seja, pois isto influencia no reconhecimento dele no seu grupo familiar como uma unidade “respeitável”. O que esta em jogo não é só a sobrevivência, mas também o reconhecimento perante os outros.

O papel masculino como provedor é complementar ao papel feminino na administração da casa. Na busca de preservar sua honra, de ter ao seu “lado”, uma “boa mulher”, pura casta e recatada, os homens entrevistados buscam controlar a sexualidade das mulheres. Esse controle, que é obrigação masculina, não se restringe às esposas mas passa também pelas parentes consangüíneas, principalmente as filhas e irmãs. Como afirma Scott, “da mulher, espera-se que esteja ativamente controlando sua casa, e do homem que possa apresentar sua casa como já sob seu “controle” e “resolvida”. Isto é reconhecido pela terminologia popular segundo a qual “ a casa é do seu João, mas quem administra é Dona Maria”. (1990:41).

No entanto, quando as necessidades concretas da vida entram em conflito com o modelo complementar masculino-feminino, isto é, quando o chefe da casa não pode consolidar-se também como seu provedor, podemos dizer que ocorre uma certa “transgressão” dos

padrões tradicionais, gerando, assim, um conflito entre o que é entendido como o admitido certo, e o que, na prática, se efetiva. A realidade, deste modo, dista do modelo que os homens apreenderam e querem para si. Um dia, sentado com alguns amigos, Luiz repetiu, de forma muito enfática, algo, que já havia me dito em entrevista, sobre os

“deveres” masculinos: “É o dever do homem botar o comer em casa, pagar conta e se a mulher quiser ela compra as besteiras dos meninos”.

Ao conversar com mais dois homens em total situação de desemprego, o sentido da fala muda para um tom mais ressentido, sobretudo ao referirem o fato das esposas estarem trabalhando. Em forma de desabafo, discorrendo sobre suas situações, nota-se nos idos das conversas que, quando surge tal assunto, os olhares mudam, quase sempre a cabeça tende a ficar baixa, e eles dão vazão ao seguinte tipo de representações sobre suas vidas:

Não está certo, é mais o costume do homem. Eu sei que hoje as coisa está igual, mas é de mim mesmo, é do homem, eu queria que ela ficasse em casa descansando, eu trabalhando, era melhor. (Josuel, 37 anos)

Da minha maneira de ver, o certo era eu trabalhar e ela ficar em casa com os menino, mas infelizmente é a vida, não é!?! (José, 28 anos).

O fato de o homem não cumprir sua “obrigação” de provedor financeiro é algo de muito constrangedor e humilhante, levando muitos deles a negarem esta condição, o que Sarti (2003) reforça ao mostrar que já que os homens se sentem responsáveis pelos rendimentos familiares, é sobre eles que recai o peso do fracasso, por não cumprir com sua obrigação quando não tem ou não é suficiente o dinheiro.

Neste sentido, percebemos distanciamentos de pensamentos , se por um lado ambas as gerações enfatizem o modelo tradicional de atribuições de gênero como o ser, quando este não se efetiva, os mais jovem tendem a perceber de forma diferente destes:

“Olhe, eu acho que o homem deve sustentar a casa, organizar a família, mas hoje as coisas mudaram muito, aí o mais importante que isso é o homem assim proteger a família, da violência daqui né, assim cuidar de ajeitar as coisas e outras coisas, porque hoje a mulher arranja mais emprego né. “(André 16 anos)

Sobre essa dimensão Romanelli (2003:83) coloca também: “Mesmo quando a contribuição financeira da esposa equipara-se ou prevalece a do parceiro, ainda assim, este tende a preservar sua posição hierárquica, mantendo sua dominação no interior na família”. Diversas falas confirmam essa afirmação:

[Deixando de ser provedor o sr acha que perderia a autoridade?] Eu acho que não, porque eu sei conversar com as pessoas, sou educado quando alguém precisa, pede alguma coisa aí eu faço sem cara feia. Se eu puder eu tô sempre ajudando, sou bom pra minha mulher(Renato, 35 anos).

Se assumir os seus deveres, de homem, respeita o ambiente de casa, cuida da casa da mulher, orienta a família, né (Ivam 30 anos).

Deste modo, é a conduta do homem que faz com que esta presença seja questionada ou não, o lugar do homem-pai nessas famílias corresponde a um prover que vai além do financeiro. Como Longhi (2002:46) lembra, o termo provedor tem um sentido polissêmico, incluindo várias idéias, como “acautelar o futuro”: “em muitas falas o pai aparece como o provedor de proteção, aquele que previne que algo de ruim aconteça. Ou o provedor de conhecimento – no sentido de fornecer, munir de algum conhecimento, ou ainda o provedor de autoridade e moral para a família”. Dessa forma, a honra neste contexto não está relacionada a posição social, mas a virtude moral .

Essa situação vivida entre os entrevistados vem ser reforçada também pelas idéias apresentadas por Woortmann e Woortmann (2002). Para os autores, a família, em condições de não provimento do homem, não se torna automaticamente matrifocal, “pelo contrário, mesmo que não possa contribuir majoritariamente para o sustento da família, em vários grupos sociais o marido/ pai continua a ser simbolicamente colocado na posição de chefe”.

Quando perguntamos aos filhos de vários pais desempregados sobre quem era o responsável pela casa, as respostas foram quase unânimes em afirmar que eram os pais, homens, que continuavam com essas atribuições:

Acho que é principalmente meu pai, meu pai é o homem da casa, é o que assim manda, não assim de autoritário, mais sempre tem uma palavra a mais, vamos dizer assim, é ele quem organiza mais a casa, porque ele sendo pai, **o patriarca** da família, tem que ter um pouco mais de responsabilidade, um pouco mais de autoridade (Damião, 18 anos, grifo meu).

Eu acho que é meu pai, ele sempre fala as coisas, ele é mais calmo, resolve as coisas melhor, é que também minha mãe trabalha aí têm que ser ele (Josélia 18 anos).

Com isso percebemos o quanto as divisões tradicionais de papéis ainda se fazem presentes, mesmo entre os jovens, para quem não é um projeto acalentado verem seus pais, homens, sustentado pela mães. As falas dos jovens reafirmam, igualmente, que eles não querem que seus pais sejam vistos como “vagabundos”.

Tudo isso reafirma, pelo menos neste aspecto, o elemento da família patriarcal baseada no princípio da autoridade do homem sobre a mulher e dos mais velhos sobre os mais novos, é parte integrante das representações sobre a família também entre os pobres urbanos, pelo menos em bairros de periferia das grandes cidades. (SARTI, 1992:39).

A compreensão destes jovens, com a situação de desemprego dos pais, assim como o vínculo que estes filhos estão tendo com o mesmo, é algo a ser destacado. Percebemos isto quando perguntamos sobre como eles vêem a situação de desemprego do pai, e sempre obtivemos como resposta o fato de ser por uma condição de falta de opção, dificuldade pela falta de estudos, fazendo sempre questão de complementar que a dificuldade é sempre maior para o homem do que para a mulher.

A mãe é mais fácil arrumar emprego relacionado a muitas coisas, trabalha de faxineira em casa de família, ser lavadeira, é muito mais fácil, já pro pai não (Luiz 20 anos).

Assim também os jovens reconhecem a dificuldade de qualquer homem conseguir emprego, compreendendo nisso não uma falta de vontade, e, muito menos, sua visão como vagabundos e preguiçosos, mas justificando tais “faltas”, muitas vezes,

A CASA E A PARTICIPAÇÃO MASCULINA: trabalho da mãe, aproximação com o pai?

Os homens que entrevistei, diante da situação de desemprego, estão muito presentes no ambiente domiciliar, como já foi repetidamente demonstrado neste trabalho. Deste modo, diferentemente da tão propagada “ausência do pai”, neste estudo a figura do pai apareceu bastante presente, visto que a mãe passa a maior parte do tempo fora de casa, ou ocupada com suas virações em busca de algum ganho. Os jovens, quando perguntados sobre a presença cotidiana de ambos, pai e mãe, relataram a mesma condição de Bruno (19 anos):

É mais com o pai, tem coisa que a gente conversa com os dois, mais mãe chega sempre cansada, estressada, aí a gente deixa pra lá.

Assim como nas falas dos homens, filhos e filhas também afirmam que a situação de desemprego não distanciou o pai da família mas, de alguma forma, intensificou os contatos dos filhos com os pais, visto que estes, agora, são obrigados a passar mais tempo juntos. Ou seja, ao invés de “desestruturar” a família, pode-se dizer que o desemprego teria, sob uma certa perspectiva, a “reestruturado”, levando esses homens, em muitos dos casos, a assumir funções dentro da família, singrando assim por águas “nunca dantes navegadas” – ou, ao menos, não assumidas como possíveis. Com isto não estamos afirmando que os papéis tenham sido “trocados”. Como vimos em relação às tarefas domésticas (como cozinhar ou lavar roupa), o fato das mulheres trabalharem não as libera dessa responsabilidade, no que são “ajudadas” pelos maridos. Mas, aparentemente, a relação com os filhos não sofre do mesmo estigma e uns e outros, ou seja, pais e filhos, a reivindicam como algo positivo que, de alguma forma, decorre da maior disponibilidade de tempo entre os desempregados.

Assim, outro elemento mencionado foi a concepção no que se refere à atividade de educar os filhos, juntamente com o discurso da virilidade masculina, do homem que procria e deixa sua “marca” no mundo “para sempre”. Segundo um relato coletado... “eu sou muito feliz de ter meus meninos, porque um homem que não tem um filho, fica esquecido, pra mim não é muito homem não”. A educação dos filhos assim torna-se mais uma maneira deste pai fazer-se homem, não apenas no presente, mas na história, ou memória da família.

Desta forma, percebemos que também a atividade de educar não repousa mais apenas sobre a responsabilidade exclusiva da mãe, ainda que isto permaneça no plano da ideologia das divisões dos papéis, mas a praxe das novas situações também aqui promove tais reformulações. O mesmo vale para outras responsabilidades como a de levar ao médico e estar mais presente nas conversas com os filhos.

Perguntado sobre quem tem a responsabilidade pela educação dos filhos, dois pais responderam:

É os dois. O meu menino é mais apegado a mim, porque eu passo mais dias com ele. È porque o homem é mais da parte ignorante e a mãe é mais carinhosa (Paulo, 45 anos).

Porque é nosso filho, aí é o pai e a mãe que deve educar né. O colégio ajuda mais ainda (Rodolfo 47 anos).

A maior disponibilidade de tempo é, até certo ponto, ressignificada como algo positivo pois permite um maior contato com os filhos. Lembremos que, no início deste capítulo, seu Luis relacionava a criminalidade juvenil à falta de orientação na família. Agora, podemos entender como esses homens, de alguma forma, constroem um discurso do perigo externo que valoriza seu novo lugar na família, enquanto conselheiros dos filhos. A disponibilidade para a conversa com os filhos torna-se, deste modo, recorrente nas falas masculinas:

Sim ele fala com os dois, mas é mais comigo. A gente tá sempre junto (Venâncio 40 anos).

Fala mais comigo do que com ela. É porque eu sou pai dele, aí ele deve gostar de mim. Eu sou mais calmo, num bato e passo o dia todo com ele” (José, 28 anos).

Vi, assim, pais e filhos compartilhando diversos momentos em relações próximas seja de medo, violências e prazeres, constituindo-se esta relação do homem com seus filhos e filhas um meio para a transmissão de valores, hábitos e educação.

A partir de tais resultados pude identificar então diversos elementos e obrigações que fazem com que esses homens desempregados permaneçam no ambiente familiar, e dessa forma, como já foi dito, tornem sua presença outrora “desnecessária”, agora bastante necessária. A situação de desemprego promoveu, em vários dos casos, uma maior ligação dos homens com o ambiente doméstico, e assim uma maior relação com os filhos. Cabendo assim urgentemente relativizar a tão propalada ausência do homem não provedor, em especial no que se refere ao trato com os filhos.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Neste trabalho me propus a estudar famílias de classes populares, destando neste sentido as relações entre homens de diferentes gerações. Minha abordagem se distanciou de outros estudos que, em geral, têm focado situações em que os homens desempregados são expulsos, ou então ficam fora das casas, sem um lugar, ou seja

grupos domésticos compostos pela díade mãe-filho. Neste aspecto este trabalho traz uma contribuição ao apresentar famílias em que, apesar do desemprego, não provimento financeiro da família, a presença do homem foi mantida e valorizada principalmente pelos filhos jovens.

Esta situação mostrou-me que, se por um lado o modelo hegemônico de masculinidade, em que ao homem cabe o prover financeiro, exerce uma forte influência quanto ser um referencial/ideal, tanto para ambas as gerações de homens com quem contate, levando os homens adultos não provedores a muitas vezes sofrerem e envergonharem-se, escondendo essa situação vivida e elaborando discursos de justificação, por outro lado, este modelo está pautado também em outros valores ligados a uma moral de homem-protetor, e que são fortemente valorizados e apreendidos entre as gerações mais jovens, mostrando assim a continuidade na forma de pensar as atribuições que cabem ao homem. Diante da situação de não trabalho, esses valores são acionados fortemente, fazendo com que a presença do homem continue valorizada e respeitada do ambiente família pelas gerações mais jovens, mantendo-se responsáveis pelo lar, revelando assim, tanto lugar simbólico que o homem ocupa nestas famílias.

Assim, os homens entrevistados em geral detêm autoridade sobre os outros membros da família, garantem respeito ao núcleo familiar, protegem o lar de invasões externas e exercem controle sobre o comportamento de seus familiares, nomeadamente sobre o comportamento sexual de suas mulheres (esposa e filhas). Essas atribuições fazem parte do papel masculino na divisão tradicional na família. Embora não possa ser conclusiva a esse respeito, uma vez que não fiz um trabalho comparativo, posso aventurar que essas qualidades sejam mais destacadas na fala de homens que não cumprem com um dos atributos principais do papel masculino: levar dinheiro para dentro de casa.

O que se torna relevante acrescentar é que, mesmo estes valores garantindo de alguma forma o lugar dos homens desempregados, parece estarem acontecendo mudanças nesta postura, levando estes homens a assumirem outras funções muitas vezes tidas como femininas, especialmente no contato com os filhos. Entretanto, mesmo

buscando outras formas de “ser homem”, os traços tradicionais estão muito presentes nos discursos de pais e filhos. Ou seja, a abertura para outro lugar simbólico parece surgir apenas da impossibilidade de atualização citada. Se por um lado os protagonistas (homens adultos) continuam a caracterizar sua situação como atípica, os mais jovens percebem como uma alternativa de vivência das masculinidades, neste sentido as observações mostram estar acontecendo mudanças de possibilidades do ser homem, uma possível futura descontinuidade de valores entre as gerações mais jovens. O que não acontece quando pensamos o valor a instituição familiar têm para ambas as gerações.

Mostrei, igualmente, que existem diferenças na valorização que os homens dão às tarefas “femininas” que precisam realizar. Foram poucos os pais que, diante da maior disponibilidade de tempo, não assumiram mais responsabilidades em relação ao cuidado e educação de seus filhos. Isto me levou a afirmar que é preciso relativizar a tão propalada “ausência paterna”, sobretudo na equação muito comum que identifica desemprego com abandono do lar. Já no que diz respeito à realização de outras tarefas mais diretamente ligadas à socialização feminina, como lavar roupa ou fazer comida, os homens assumem uma posição menos afirmativa, como se a realização dessas atividades pudesse fragilizar a masculinidade de quem as executa.

Tais observações me levaram a pensar que, embora em alguns aspectos podem estar acontecendo mudanças no modelo de masculinidade, como por exemplo, no que diz respeito ao modelo de pai, em que o diálogo, a proximidade e o carinho passam a ser mais valorizados; em outros, mantêm-se claramente as distinções. De todo modo, a disponibilidade dos homens a assumir certas funções outrora femininas parece ser um dos fatores que explicam que, nessas famílias onde o homem não é mais o provedor financeiro, sua presença seja mantida e sua autoridade preservada.

Porém mesmo que a presença e autoridade do homem sejam mantidas, os homens que entrevistei sentem-se constrangidos e humilhados, em vista do modelo hegemônico de masculinidade que é não só por ele mantidos, mas também pela geração de seus filhos e que vincula o prover financeiro ao homem.

Por fim, não quis aqui tipificar as opiniões em um modelo único de pensar, pois reconheço as diversidades de homens e suas opiniões. Pretendi aqui apenas acentuar algumas características que fortemente permanecem na concepção da família contemporaneamente, assim como as tendências que encontrei nas concepções de ser homem entre jovens e adultos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, Theodor.W (Org) Família. In: **Temas básicos de sociologia**. Ed. Clutrix,SãoPaulo, 1956.
- ALVIM, Rosilene. **A sedução da cidade**. Rio de Janeiro, ed. Graphial, 1997.
- ARIÉS, Philippe. **Historia Social da Criança e da Família**. 2 ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- BOURDIEU, Pierre. **“A Miséria do Mundo”**. Petrópolis: VOZES.1998.
- CARNEIRO, Terezinha Féres. Identidade masculina e o exercício da paternidade. In: **Casal e Família**. Rio de Janeiro: NAU.1999.
- CARVALHO, Maria do Carmo Brant de (Org) **A família Contemporânea em Debate**. São Paulo: EDUC, 1995.
- CORRÊA, Mariza. (1982) Repensando a Família Patriarcal Brasileira. In **Colcha de Retalhos**. São Paulo: Editora brasiliense.
- DA MATTA, Roberto. **A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**, São Paulo: Brasiliensae, 1985.
- DONZELOT, Jacques. **A policia das famílias**. Rio de Janeiro: Graal, 1986.
- DUARTE, Luiz Fernando. **Da vida Nervosa nas classes trabalhadoras**. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1986
- DURHAM, Eunice R. A pesquisa antropológica com populações urbanas: problemas e perspectivas. In: CARDOSO, Ruth C.L. (org.) **A aventura antropológica: teoria e pesquisa**. São Paulo: Paz e Terra, 1987.
- FONSECA. Claudia. **Caminhos da Adoção**.São Paulo Ed: Cortez. 2002.
- _____ **Família, fofoca e honra .Rio Grande do Sul, Ed. Universitária, 2002.**
- FRANCH, Monica. (2000) TARDES AO LÉU: um ensaio etnográfico sobre o tempo livre entre jovens de periferia. **Recife: Dissertação (Mestrado em Antropologia Cultural), Universidade Federal de Pernambuco.**
Homem, tempo, pratica e vozes
- GOLDENBERG, Mirian.**Ser homem ser mulher: Dentre e fora do casamento**. Rio Janeiro: Revan, 1991
- Haguette, Tereza Maria Frota."**Metodologia Qualitativa na Sociologia**". Petrópolis, vozes, 1992

LARANJEIRA, Sônia M.G.. A realidade do Trabalho em tempo de Globalização. Precarização, Exclusão e Desorganização Social. In: **Violência no tempo da globalização**. José Vicente Tavares dos Santos (Org). São Paulo: HUCITEC,1999.

MURARO, Rose Marie (org.) **Mulher, gênero e sociedade**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

NASCIMENTO, Pedro Francisco Guedes do. (1999) **Ser Homem Ou Nada: Diversidade de experiências e estratégias de atualização do modelo hegemônico da masculinidade em Camaragibe /PE**. Recife: Programa de pós-graduação em Antropologia Cultural. UFPE /PE, (Dissertação de Mestrado).

NEDER, Gislene. Ajustando o foco das lentes: um novo olhar sobre a organização da família no Brasil. In: **Família Brasileira: a base de tudo**. KALOUSTIAN, Silvo Manoug. São Paulo. Ed. Cortez; Brasília. DF: UNICEF, 1994

NEVES, Delma Pessanha. **Nesse terreno Galo não canta. Estudo do caráter matrifocal de Unidades Familiares de Baixa renda**. In: Anuário Antropológico, Rio de Janeiro/ Fortaleza: Tempo Brasileiro/ UFC, 1985.

OLIVEIRA, Luciano. **Os excluídos existem? Notas sobre a elaboração de um novo conceito**. Revista Brasileira de Ciências Sociais. ANPOCS, ano 12, n 33, fev. 1997.

PISCITELLI, Adriana. Recirando a (categoria) mulher? 1985

SARTI, Cynthia Andersem. **A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres**. Campinas, São Paulo : Autores associados. 1996

SALES, Teresa. Pobreza e Cultura Política da Dádiva In: **Polifonia da Miséria : Uma Construção de Novos Olhares**. CAVALCANTI, Helenilda e BURITI, Joanildo (Orgs). Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Ed. Massangana/CNPq/ Banco do Nordeste 2002.

SCOTT, Joan. **“Gênero: uma categoria útil para análise histórica”**: Recife: SOS Corpo, 1993.

SCOTT, Russel. P. **“O homem na matrifocalidade: gênero, percepções e experiências do domínio doméstico”**. Cadernos de Pesquisa. N 73, maio , São Paulo, pp. 38-47, 1990

SEGALEN, Martine. **Sociologie de la famille**. Paris: Armand Collin, 1993.

SENNETT, Richard. **Autoridade**. Ed. Record, 2001

WOORTMANN, Klaas. **A família das mulheres**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro/ CNPQ,1987

ZALUAR, Alba. O antropólogo e os pobres: introdução metodológica e afetiva. In **A Máquina e a Revolta**.